

ESTRUTURA PRODUTIVA DA MICRORREGIÃO DO CENTRO-OESTE DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

PRODUCTIVE STRUCTURE OF THE CENTRO-OESTE MICRORREGION OF THE STATE OF ESPÍRITO SANTO

¹ Thais Maria Mozer.

² Leandro Glaydson da Rocha Pinho.

³ Tatiana Candeia da Silva Fortunato.

⁴ Aline Athayde Scardua.

⁵ César Augusto Maforte Arruda.

⁶ Nathan Marçal Melotti.

⁶ Stefany Sampaio Silveira.

¹ Graduação e Mestrado em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Espírito Santo, analista de Estudos e Pesquisa SR no Instituto de Desenvolvimento Industrial do Espírito Santo (Ideies) da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Fides), E-mail: thais.m.mozer@gmail.com.

² Licenciado em Ciências Agrícolas, D.Sc. em Produção Vegetal, Professor do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Itapina. E-mail: leandro.pinho@ifes.edu.br

³ Graduação em Saneamento Ambiental, M.Sc. em Engenharia e Desenvolvimento Sustentável pela Universidade Federal do Espírito Santo, Servidora do Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Aracruz. E-mail: tatiana.silva@ifes.edu.br

⁴ Graduação em Química Industrial pelo Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Aracruz. E-mail: alineathaydescardua@gmail.com

⁵ Graduação em Engenharia Mecânica pelo Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Aracruz. E-mail: cesarmaforte0@gmail.com

⁶ Graduandos em Engenharia Agrônoma pelo Instituto Federal do Espírito Santo, Campus Itapina. E-mail: nathanmelotti@gmail.com; stefanysilveira.s@gmail.com

Artigo submetido em 20/04/2021, aceito em 15/06/2021 e publicado em 02/09/2021.

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o perfil produtivo recente da Microrregião Centro-Oeste do Estado do Espírito Santo, detalhando a evolução da sua estrutura de produção para os anos de 2002 a 2017. A metodologia utilizada consistiu na análise de dados secundários disponibilizados por fontes oficiais, tais como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ministério da Economia e Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN). Os resultados mostram que a Microrregião é um elo importante para a economia capixaba. A sua estrutura produtiva é diversificada, com atividades que se destacam entre as demais devido ao seu papel no processo de desenvolvimento socioeconômico do Centro-Oeste, a citar: o café; a silvicultura de eucalipto; pecuária; agroindústria; vestuário; e o setor de rochas ornamentais. Essa estrutura gera empregos e renda para a sua população.

Palavras-chave: Estrutura Produtiva; Agricultura; Indústria; Comércio; Serviços.

Abstract: This article aims to analyze the recent productive profile of the Midwestern Microregion of the State of Espírito Santo, detailing the evolution of its production structure for the years 2002 to 2017. The methodology used consisted of analyzing secondary data provided by official sources, such as the Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Ministério da Economia and Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN). The results show that the Microregion is an important link for the Espírito Santo economy. Its productive structure is diversified, with activities that stand out among the others due to their role in the socio-economic development process of the Midwest, to mention: coffee; eucalyptus forestry; livestock; agribusiness; clothing; and the ornamental stone sector. This structure generates jobs and income for its population.

Keywords: Productive Structure; Agriculture; Industry; Commerce; Services.

1 INTRODUÇÃO

Embora o estado do Espírito Santo seja uma unidade político-administrativa pequena em extensão territorial no Brasil, sendo maior apenas que Rio de Janeiro, Alagoas, Sergipe e Distrito Federal, o estado tem particularidades econômicas, culturais e ambientais diversificadas. O Espírito Santo apresenta singularidades de natureza política, ambiental e econômica as quais seguem o padrão histórico brasileiro (Siqueira, 2009), com forte influência de migração europeia, africana, e conflitos indígenas, este último, inclusive atual (FREITAS, 2020).

Neste sentido, a grande diversidade do estado do Espírito Santo levou o poder público a subdividi-lo em 10 microrregiões (GEOBASES, 2021). Estas são constituídas por municípios que se assemelham em características territoriais, sociais, econômicas e ambientais.

Em uma área de 5.605,46 Km², a microrregião Centro-Oeste ocupa 12,2% do território estadual. Sua população foi estimada em 285.347 habitantes em 2020, equivalendo a 7,0% da população total do estado, resultando em uma densidade populacional média de 50,9 habitantes/km² (IBGE, 2020). A microrregião é composta por dez municípios: Alto Rio Novo, Baixo Guandu, Colatina, Governador Lindenberg, Marilândia, Pancas, São Domingos do Norte, São Gabriel da Palha, São Roque do Canaã, e Vila Valério (GEOBASES, 2021). Parte destes foram ao

longo do tempo se emancipando de Colatina (IBGE, 2020), porém este município ainda representa alta centralidade regional. De acordo com o Censo Demográfico de 2010, último dado disponível, 71,5% da população vive em centros urbanos.

Apesar da centralidade exercida por Colatina, os demais municípios apresentam-se importantes para o desempenho da região. A agropecuária é diversificada, com alta influência da cafeicultura tanto na cultura local quanto como protagonista histórico de desenvolvimento. Na indústria, a presença marcante se destaca na extração e fabricação de minerais não metálicos, principalmente a extração, corte e polimento de rochas ornamentais, na confecção, na agroindústria, na indústria moveleira e metalúrgica. O setor terciário é caracterizado pelos serviços nas áreas de saúde, educação e comércio em geral. Além disso, o Centro-Oeste possui como potencial o desenvolvimento do setor de turismo, da cultura e da economia criativa.

O objetivo principal do presente artigo é analisar a estrutura produtiva da microrregião Centro-Oeste, descrevendo as principais atividades produtivas e destacando as fragilidades e potencialidades da microrregião.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Breve histórico do desenvolvimento da estrutura produtiva do Centro-Oeste

O início do desenvolvimento da microrregião Centro-Oeste está

relacionado à agropecuária, todavia ao longo do tempo outras atividades foram se instalando na região. A agropecuária corresponde ao setor primário, este setor é representado pela produção de bens a partir das lavouras, da criação de animais e da extração vegetal (ROSSETI, 2007), sem nenhum tipo de beneficiamento. Essa atividade desenvolveu-se a partir da colonização regional, datando do final do século XIX até meados do século XX (INCAPER-PROATER, 2013).

A ocupação do norte do Espírito Santo foi marcada pela venda de lotes pela Companhia Territorial. Esses lotes foram ocupados por imigrantes italianos, alemães, portugueses, espanhóis, poloneses, sírios e russos (MOREIRA; PERRONE, 2007). Outro importante momento para a ocupação e o desenvolvimento econômico dessa Microrregião foi a construção da Ferrovia Vitória a Minas (início do século XX), uma vez que estimulou a criação de povoados e o comércio ao longo dessa via. Em 1906, foi inaugurada a estação em Colatina (VALE, 2015).

Segundo o Incaper-Proater (2013), a cafeicultura esteve presente na colonização da microrregião, sustentando as propriedades agrícolas. Como destaque desse processo, Colatina se tornou o maior produtor de café do país nas décadas de 1940 e 1950. De acordo com Moreira e Perrone (2007), o alto custo de serviços de levantamento topográfico forçou os pequenos proprietários de terra a cultivar algo com valor de mercado, neste caso, o café. A cafeicultura nas pequenas propriedades também se expandiu para o norte capixaba, dando início ao ciclo “mata-café-pastagem”. Esta última iniciava quando o solo da microrregião não era mais favorável ao cultivo do grão.

A atividade primária do Espírito Santo, incluindo a da microrregião Centro-Oeste, passou por uma remodelação por causa da crise internacional do café na década de 1950. Para tentar resolver a recessão econômica, em 1962 foi

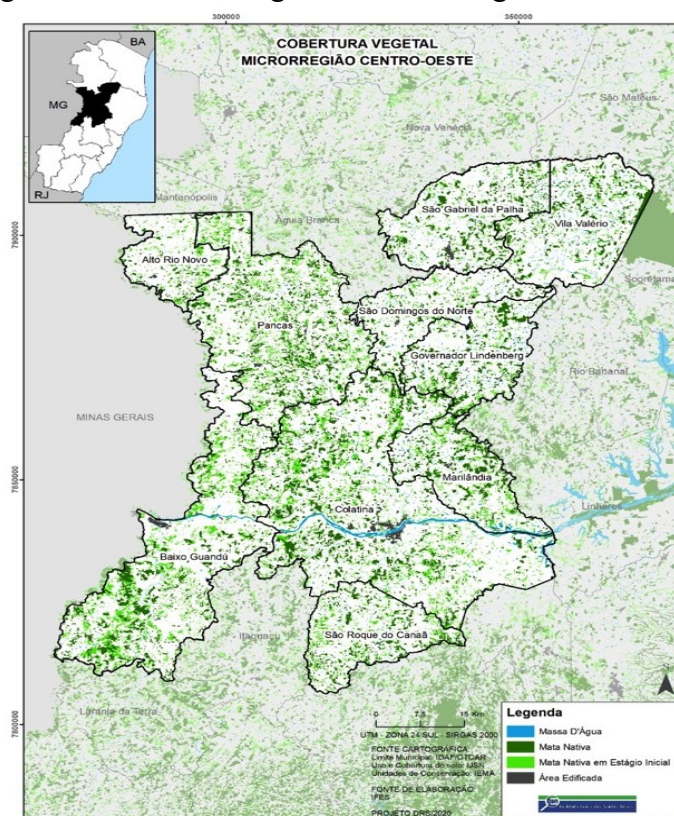
elaborado o Plano Diretor do Gerca, com três principais diretrizes: promoção da erradicação dos cafezais antieconômicos; diversificação das áreas erradicadas com outras culturas; e renovação dos cafezais (ROCHA; MORANDI, 2012).

Os recursos gerados com o pagamento das indenizações foram aplicados em atividades alternativas, tanto na agricultura quanto nos demais setores (ROCHA; MORANDI, 2012). Nessa primeira, descartam-se a expansão da pecuária e a extração de madeira, visto que ambas tiveram como suporte as áreas existentes no norte do estado.

Dessa forma, a cobertura vegetal nativa da região foi severamente afetada (Figura 1) com a exploração de madeira e a pecuária extensiva, vindo esta última a ocupar grande parcela da atividade econômica (INCAPER-PROATER, 2013). Nesse período, o ciclo “mata-café-pastagem” foi encurtado para “mata-pastagem” (ROCHA; MORANDI, 2012). Assim, a cobertura vegetal original foi altamente impactada, restando poucas áreas, inclusive com poucos corredores ambientais.

Os espaços deixados pela extração de madeira foram ocupados pela atividade pecuária, principalmente com a produção de bovinos de corte e leite (ROCHA; MORANDI, 2012).

Figura 1. Cobertura Vegetal da Microrregião Centro-Oeste.



Fonte: Elaborado pelos autores.

De acordo com Leal e Villaschi (2020), os recursos liberados pela política de erradicação dos cafezais também propiciaram a expansão e diversificação do setor industrial, que até a década de 1950/1960 concentravam-se no beneficiamento do café. As indenizações foram aplicadas em atividades industriais (tais como as agropecuárias, confecção e moveleira) para atender a expansão dos centros urbanos que estava ocorrendo em vários municípios da microrregião do Centro-Oeste, como Colatina. Nessa década, importantes plantas industriais foram instaladas, especialmente nas proximidades do Rio Doce como Frigorífico Frisa (1968).

A partir de 1975, outro salto na estrutura produtiva da microrregião ocorreu com a chegada das grandes plantas industriais no estado (IDEIES, 2018), que foram: Companhia Vale do Rio Doce (atual Vale S.A); Companhia Siderúrgica de Tubarão (atualmente ArcelorMittal); e Aracruz Celulose (atual Suzano S.A). No Centro-Oeste capixaba não sediou nenhum desses grandes projetos industriais, mas foi impactada nova indústria de celulose que estimulou a plantação de eucalipto na microrregião para abastecer essa última empresa com insumos para a produção de pasta de madeira (celulose de fibra curta).

Outra atividade que se desenvolveu no Centro-Oeste foi o beneficiamento de mármore e granito. Em 1989, foi

inaugurado o Grupo Guidoni, atualmente maior empresa do segmento no estado, no município de São Domingos do Norte (GUIDONI, 2020).

A diversificação da estrutura produtiva do Espírito Santo, incluído a do Centro-Oeste, também esteve ligada à formação de Arranjos Produtivos Locais (APLs). De acordo com Villaschi e Felipe (2010), essa Microrregião sedia os APLs de: Café; Vestuário em torno de Colatina; Rochas Ornamentais em torno de São Domingos do Norte; Cachaça em São Roque do Cannã; e Coco em São Gabriel da Palha, que posteriormente se estendeu para outros municípios extrapolando as fronteiras do Centro-Oeste.

Ressalta-se que o processo de expansão e diversificação industrial e da agricultura foram fundamentais para desenvolver as atividades de comércio e serviços nesta microrregião.

3 PROCESSOS METODOLÓGICOS/MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo trata-se de uma pesquisa exploratória dos dados disponíveis no Censo Agropecuário de 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os dados foram extraídos do Sistema de Recuperação Automática (SIDRA). Para o melhor entendimento de alguns dados, houve busca de séries históricas utilizando os dados do IBGE, Instituto Jones dos Santos

Neves-IJSN e do Ministério da Economia através da Relação Anual de Informações Sociais-RAIS.

Utilizou-se uma coleta de dados, empregando procedimentos de pesquisa bibliográfica e documental. Dessa forma, foi realizado um levantamento de dados que expliquem a dinâmica econômica da Microrregião Centro-Oeste do Estado do Espírito Santo.

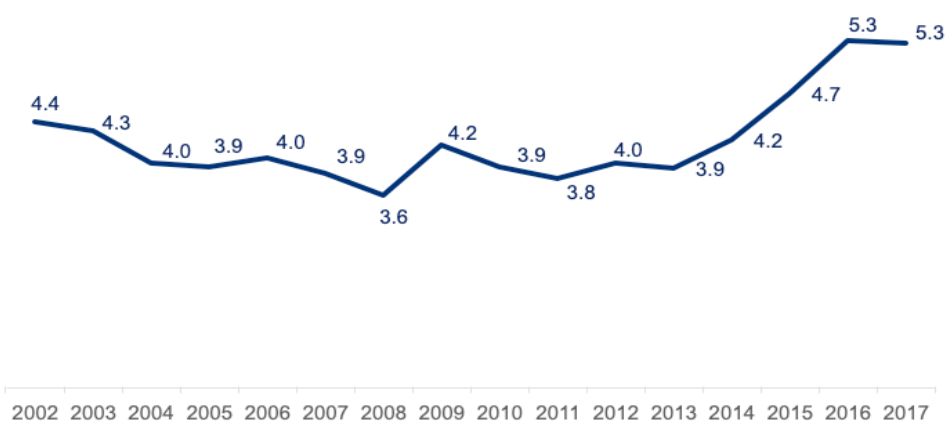
Buscou-se as fontes de dados em materiais como artigos científicos, teses e livros, além de consultas a sites oficiais de Agências do Governo Brasileiro e do Estado do Espírito Santo (IBGE, Ministério da Economia, Instituto Jones dos Santos Neves, entre outros).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Estrutura produtiva da Microrregião

Em 2017, a microrregião Centro-Oeste respondeu por 5,3% da soma de todos os bens e serviços finais produzidos pelo Espírito Santo, ou seja, do Produto Interno Bruto-PIB do estado (Figura 2). Essa foi a quinta maior representatividade no PIB entre as dez microrregiões do Estado. Se comparada com 2002, essa participação cresceu 0,9 ponto percentual (p.p). Em termos monetários, o PIB do Centro-Oeste totalizou, aproximadamente, R\$ 6,0 bilhões em 2017.

Figura 3. Participação (%) da Microrregião Centro-Oeste no Produto Interno Bruto do Espírito Santo, a preços correntes (2002 a 2017).



Fonte: IJSN (2017). Elaboração dos autores.

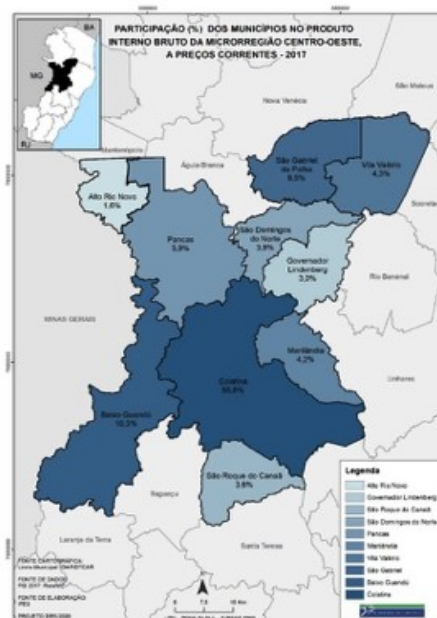
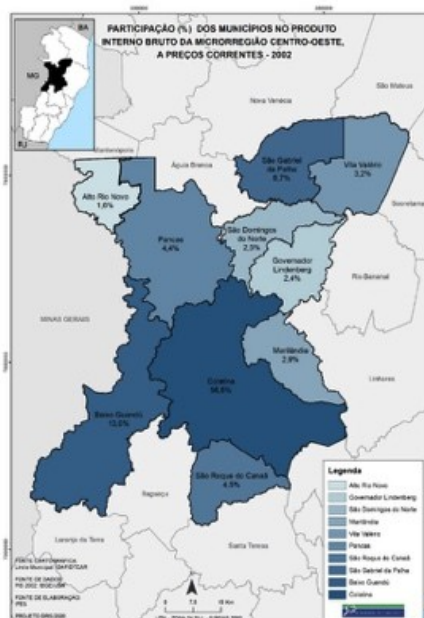
De 2002 a 2017, a participação do Centro-Oeste no PIB total do Espírito Santo apresentou variações significativas, com a menor representatividade alcançada, 3,6% do PIB estadual, no ano de 2008 (Figura 2).

Desde então, o peso da Microrregião no PIB capixaba aumentou,

atingindo o pico em 2016, equivalente a 5,3% (Figura 2).

Em 2017, Colatina concentrou 55,8% do PIB da Microrregião (Figura 4). A centralidade urbana está justamente nesse município e a dinâmica econômica de Colatina exerce influência sobre os demais municípios, principalmente nas microrregiões Centro-Oeste e Noroeste.

Figura 4: Participação dos municípios no Produto Interno Bruto da Microrregião Centro-Oeste (2002 e 2017).



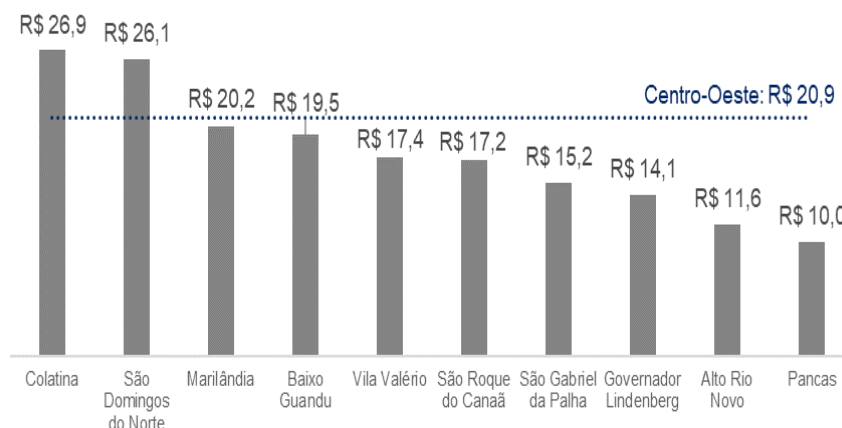
Fonte: IJSN (2017). Elaboração dos autores.

Na Microrregião Centro-Oeste, em 2017, o PIB *per capita* foi de R\$ 20,9 mil por habitante, posicionando-se abaixo da

média do Espírito Santo, R\$ 28,2 mil (Figura 4). Os habitantes de Colatina apresentaram a maior renda na Microrregião, R\$ 26,9 mil, seguidos por São Domingos do Norte, R\$ 26,1 mil, e Marilândia, R\$ 20,2 mil. Nem mesmo

Colatina, cidade polo da microrregião, possui renda per capita na média do estado. Em contrapartida, Pancas (R\$10,0 mil) teve um PIB *per capita* R\$ 10,9 mil menor que a média da Microrregião (Figura 5).

Figura 5. Distribuição do Produto Interno Bruto *per capita* por município da Microrregião Centro-Oeste, em mil R\$ (2017).

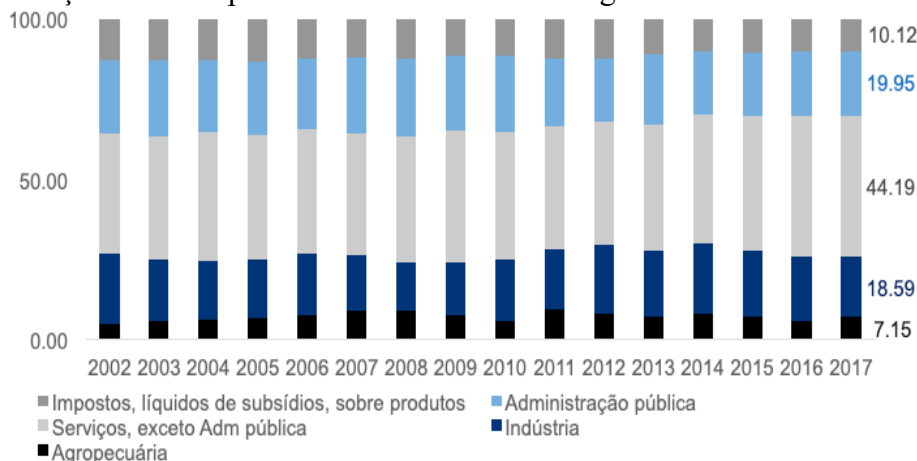


Fonte: IJSN (2017). Elaboração dos autores.

Em 2017, na geração do PIB o setor de serviços foi responsável por 44,2% do total, a administração pública por 19,9%, a

indústria por 18,59%, os impostos, líquidos de subsídios, sobre produtos por 10,1% e a agropecuária pelos outros 7,1% (Figura 6).

Figura 6. Evolução dos Componentes do PIB na Microrregião Centro-Oeste.

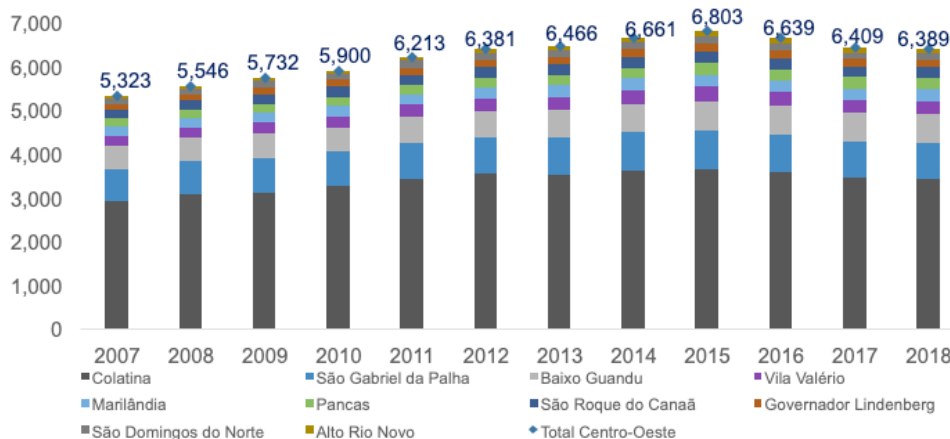


Fonte: IJSN (2017). Elaboração dos autores.

A produção de uma microrregião depende em muito do desempenho das empresas formais, que são aquelas inscritas no Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ) do Ministério da Fazenda no ano-base. De acordo com os dados da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do

Ministério da Economia, o Centro-Oeste possuía 6.389 estabelecimentos formais no ano de 2018 (Figura 7), que correspondeu a 7,6% das empresas formalizadas do Espírito Santo. Os municípios de Colatina (53,5%), São Gabriel da Palha (13,0%) e Baixo Guandu (10,2%) concentravam 76,7% desses estabelecimentos da Microrregião. Em relação ao ano de 2007, a quantidade aumentou 20,0%.

Figura 7. Evolução da Quantidade de Estabelecimentos Formais na Microrregião Centro-Oeste.



Fonte: IJSN (2017). Elaboração dos autores.

Em 2018, as atividades com mais estabelecimentos formais na Microrregião Centro-Oeste foram: comércio (40,4%);

serviços (30,7%); indústria de transformação (12,0%); e agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura (11,1%) (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição dos Estabelecimentos formais na Microrregião Centro-Oeste (2018).

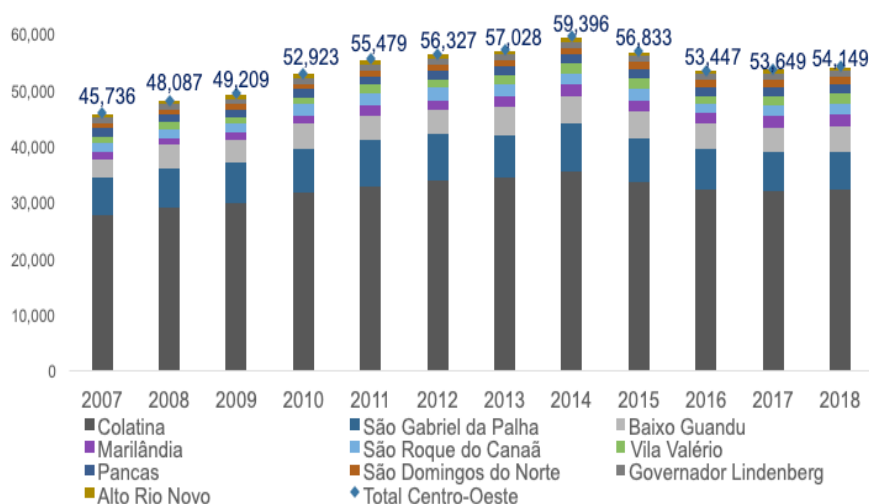
Setores*	Part. no total
Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura	11,1%
Indústrias Extrativas	1,0%
Indústrias de Transformação	12,0%
SIUP	0,4%
Construção	3,9%
Comércio	40,4%
Serviços	30,7%
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	0,5%
Total	100,0%

Fonte: IJSN (2017). Elaboração dos autores.

Esses estabelecimentos com CNPJ regulares na Microrregião Centro-Oeste empregavam formalmente 54.149 pessoas, em 2018 (Figura 8). Ou seja, são trabalhadores com carteira assinada e cadastrados no Instituto Nacional do Seguro

Social (INSS). Os municípios de Colatina (59,7%), São Gabriel da Palha (12,6%) e Baixo Guandu (8,0%) concentraram a maior parte desses vínculos ativos da Microrregião (80,3%). Em comparação com 2007, essa quantidade empregos avançou 18,4%.

Figura 8. Evolução da Quantidade de Empregos Formais na Microrregião Centro-Oeste.



Fonte: RAIS/ME (2018). Elaboração dos autores.

Em 2018, serviços (25,9% do total) foi o setor com a maior quantidade de empregos formais no Centro-Oeste. A indústria de transformação (24,3% do total) e o comércio (24,1%) possuíam, respectivamente, o segundo e o terceiro maior número de vínculos ativos nesse ano na Microrregião (Quadro 1).

As atividades da agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura respondem apenas por 3,6% dos empregos

com carteira assinada do Centro-Oeste (Tabela 2). É necessário ressaltar que esse setor é marcado pela presença de trabalhadores informais (sem vínculo empregatício) por causa da: grande presença de estabelecimentos familiares que não possuem cadastro na Receita Federal; utilização da mão de obra de meeiros em certas culturas produzidas na Microrregião, como o café; e pela dificuldade no processo de formalização desses estabelecimentos rurais.

Tabela 2. Distribuição dos Empregos Formais na Microrregião Centro-Oeste (2018).

Setores*	Part. no total
Agricultura, Pecuária, Produção Florestal, Pesca e Aquicultura	3,6%
Indústrias Extrativas	1,6%
Indústrias de Transformação	24,3%
SIUP	1,1%
Construção	2,1%
Comércio	24,1%
Serviços	25,9%
Administração Pública, Defesa e Seguridade Social	17,4%
Total	100,0%

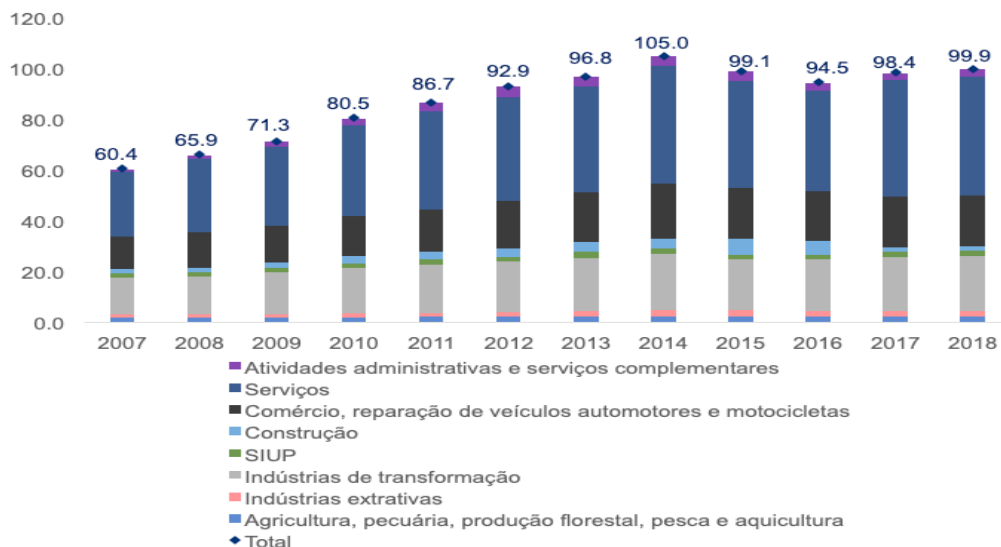
(*) Cnae 2.0

Fonte: RAIS/ME (2018). Elaboração dos autores

Os empregos formais na microrregião Centro-Oeste geraram uma massa salarial de R\$ 99,9 milhões em 2018, valor R\$ 39,6 milhões, ou 65,5%, maior que o pago

em 2007. Serviços (R\$ 46,8 milhões), indústria de transformação (R\$ 21,5 milhões) e comércio (R\$ 20,1 milhões) foram os setores com as maiores massas salariais em 2018 (Figura 9).

Figura 9. Evolução da Massa Salarial Paga aos Empregados Formais da Microrregião Centro-Oeste*, em R\$ Milhões.

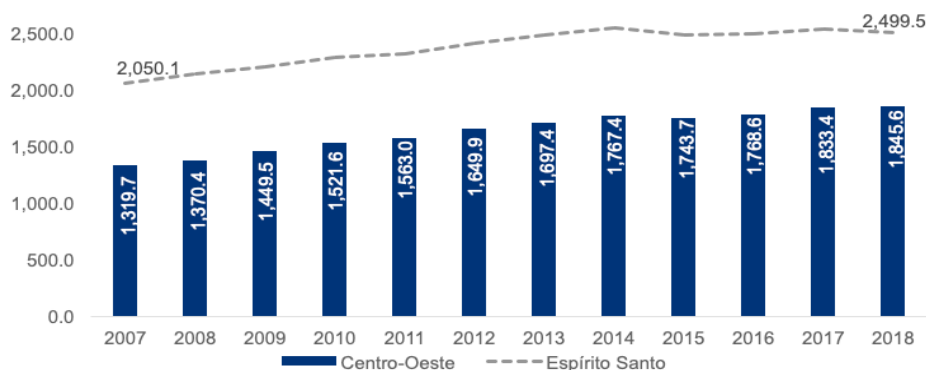


Fonte: RAIS/ME (2018). Elaboração dos autores.

A média salarial recebida pelos empregados formais do Centro-Oeste foi de R\$ 1.845,6 em 2018 (Figura 10). Em onze anos, o rendimento real médio do trabalhador formal dessa Microrregião aumentou 40%, crescimento muito acima

do registrado nessa variável a nível estadual (21,9%). Apesar disso, esse salário médio do trabalhador do Centro-Oeste ficou durante todo o período abaixo do valor recebido pela média do Espírito Santo (R\$ 2.499,5).

Figura 10. Evolução dos Salários Médios dos Empregados Formais, Microrregião Centro-Oeste e Espírito Santo, em R\$.



Nota: Valores deflacionado pelo IPCA.

(*) Cnae 2.0.

Fonte: RAIS/ME (2018). Elaboração dos autores

Os municípios de São Domingos do Norte (R\$ 2.513,3), Colatina (R\$ 1.990,8) e Governador Lindenberg (R\$ 1.778,7)

registraram os maiores rendimentos médios em 2018, sendo que o primeiro teve uma média acima da estadual no mesmo ano (R\$2.499,5). Em contrapartida, Alto Rio Novo (RS 1.490,8) e São Gabriel

da Palha (R\$ 11.530,8) apresentaram a menor média salarial da Microrregião.

4.2 Economia Agropecuária Geral

Dentre as atividades produtivas do Centro-Oeste a agropecuária exerce papel crucial na manutenção do homem no campo e garantia de geração de alimentos. As lavouras perenes e a pecuária são as atividades tradicionalmente executadas na microrregião e muito conectadas a disponibilidade hídrica das propriedades rurais. De acordo com o Censo Agropecuário de 2017, a área dos estabelecimentos agropecuários do Centro-Oeste foi de 399.884 hectares em 2017, o que equivale a 12,3% da área do Estado do Espírito Santo. Da área total, 1,9% era destinada à produção de lavouras temporárias, 59,8% era para as lavouras permanentes, 0,8% para a horticultura, 34,7% para a pecuária e criação de outros animais e 2,5% para a produção florestal.

O valor da produção agropecuária da Microrregião foi de R\$ 750,6 milhões em 2017, que representava a 9,9% do montante total do Espírito Santo. Essa produção foi gerada em 14.101 estabelecimentos agropecuários, onde 56,3% estavam concentrados nos municípios de Colatina (17,1%), Pancas (14,2%), Vila Valério (12,7%) e São Gabriel da Palha (12,3%). Nesse ano, 48.449 pessoas estavam ocupadas, na data de referência do censo, 30 de setembro de 2017, em alguma das atividades do setor.

Da quantidade total de estabelecimentos da Microrregião Centro-

Oeste, 67,5% eram classificados como familiares. Esta configuração retrata a estrutura baseada na agropecuária familiar do estado, reflexo das políticas de colonização estrangeira (NONENBRERG; REZENDE, 2010). O meio-norte do Estado recebeu um fluxo migratório que terminou por caracterizar a região como importante “produtora de café, com estrutura agrária, de pequena propriedade familiar, semelhante a das antigas áreas tradicionais” (IJSN, 2019, p.11).

De acordo com o Ideies (2019), a característica das propriedades foi um dos elementos importantes para o surgimento do cooperativismo no agronegócio. Na microrregião, destaca-se a Cooperativa Agrária dos Cafeicultores de São Gabriel (COOABRIEL). Esse tipo de cooperativismo permite aos produtores rurais se beneficiem como economia de escala gerada, maior acesso aos mercados e redução dos riscos ligados a produção (GIMENES; GIMENES, 2007).

4.3 Economia Agropecuária: Pecuária

Na microrregião Centro-Oeste a pecuária se destaca pela criação de bovinos, suínos e aves. Além disso, a microrregião Centro-Oeste é uma das maiores produtoras de mel de abelha do Estado do Espírito Santo. A microrregião possui 8.892 estabelecimentos com atividades ligadas a pecuária (Tabela 3). Deste total, 3.553 propriedades têm produção de bovinos, que corresponde a 39,5% do total das propriedades com atividades ligadas a pecuária.

Tabela 3. Número de estabelecimentos com atividade da pecuária na microrregião Centro-Oeste, 2017.

Número de estabelecimentos	
Criações	8992
Galinhas	6985
Suínos	3771
Bovinos	3553
Equinos	1337
Pato	682
Muare	218

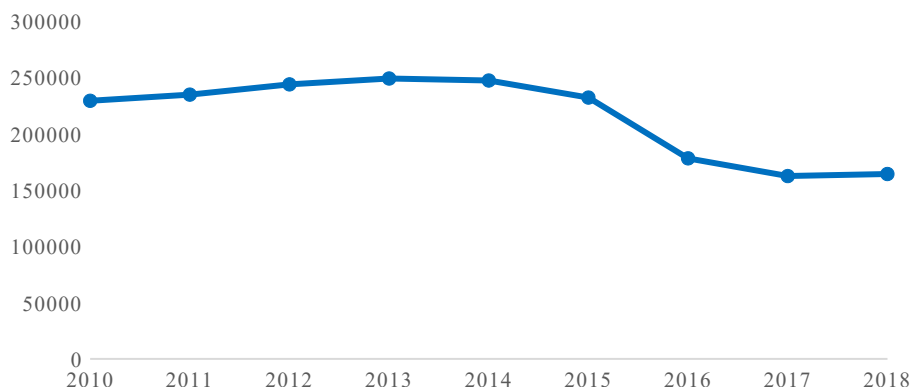
Perus	139
Caprinos	131
Ovinos	120
Codornas	40
Coelhos	38
Asininos	24
Bubalinos	8

Fonte: Censo Agropecuário do IBGE (2017). Elaboração dos autores.

Ao analisar os dados da Pesquisa Pecuária Municipal (PPM) do IBGE entre os anos de 2010 e 2018, percebe-se que a

bovinocultura no Centro-Oeste sofreu queda no tamanho do rebanho, correspondente a 28,37% (Figura 10).

Figura 10. Evolução do número de cabeças de bovinos criados na microrregião Centro-Oeste - 2010 a 2018.

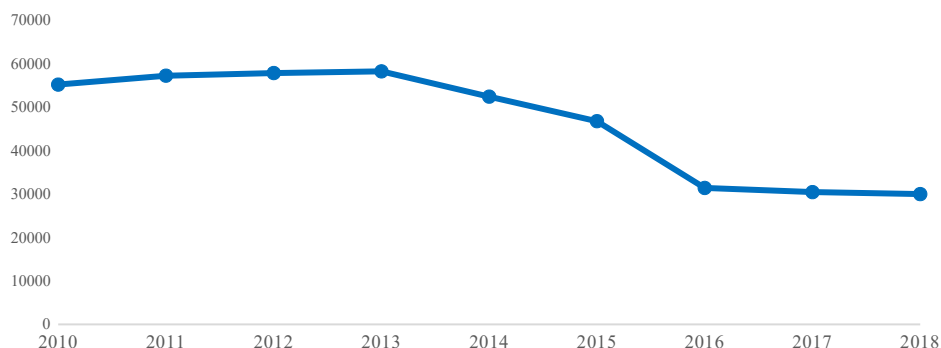


Fonte: PPM/IBGE (2018). Elaboração dos autores.

A redução no número de cabeças de bovinos, que pode ser em função da baixa pluviosidade registrada entre os anos 2015 a 2017, além da irregularidade das

precipitações (Incaper, 2020) é um fator importante para explicar a redução 45,68% na produção do leite no mesmo período (Figura 11).

Figura 11. Evolução da produção de leite bovino na microrregião Centro-Oeste, em mil litros – 2010 a 2018.



Fonte: PPM/IBGE (2018). Elaboração dos autores.

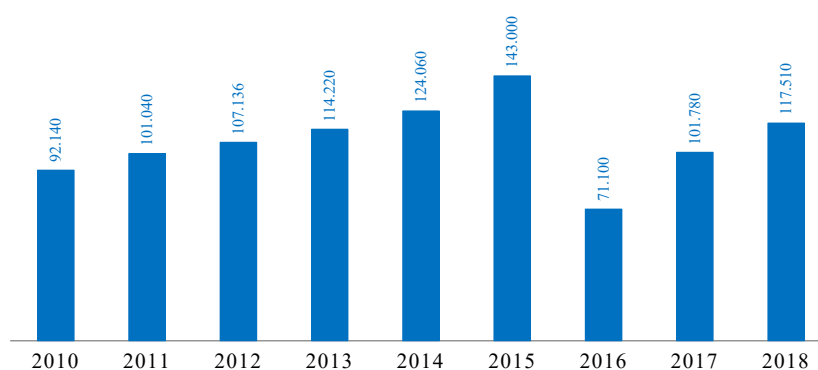
Chama a atenção a alta produção de mel nesta microrregião. Esta atividade tem produzido em média, entre 2010 a 2018,

108 toneladas de mel (Figura 12). A produção de mel sofreu redução no ano 2016 de 50,29%, quando comparada a

produção obtida em 2015, 143 toneladas de mel. Esta redução está provavelmente ligada a seca ocorrida na microrregião entre os anos de 2015 a 2017 (Incapar, 2020). Entretanto, a produção de mel,

apresentou elevação de 46.410 kg de mel entre os anos de 2015 e 2018, aumento que representa 39,49%.

Figura 12. Evolução da produção mel de abelha na microrregião Centro-Oeste, Kg.



Fonte: PPM/IBGE (2018). Elaboração dos autores.

A apicultura, criação comercial de abelhas para produção de mel e derivados, contribui para a geração de renda e atribui valor às matas nativas, artificiais, à cafeicultura e às demais culturas da microrregião, uma vez que demanda bastante atividades de conservação da fauna e da flora. Neste sentido, é oportuno salientar a necessidade de fomento para a diversificação da atividade, com produção de mais derivados desta cadeia produtiva, como geleia real, pólen e própolis.

Outra atividade zootécnica de interesse na microrregião Centro-Oeste é a aquicultura. A aquicultura destina-se a criação de organismos aquáticos. Essa área se deriva em outras, tais como: piscicultura, criação de peixes; ranicultura, criação de rãs; quelonicultura, criação de quelônios; algicultura, criação de algas; carcicultura, criação de camarões em viveiros; e maricultura, produção de organismos aquáticos no mar. Em 2017,

havia 180 estabelecimentos na Microrregião Centro-Oeste com a aquicultura. No total, eles venderam cerca de R\$ 1,9 milhões em produtos dessa área zootécnica, sendo 46,1% desse valor em peixes (Censo Agropecuário de 2017).

De acordo com a Pesquisa da Pecuária Municipal do IBGE, o Centro-Oeste produziu cinco tipos de espécies da aquicultura: tilápia (76,8 toneladas); camarão (7,9 toneladas); alevinos (878 mil unidades); pirarucu (0,1 toneladas); outros peixes não identificados pela pesquisa (0,07 toneladas). Ressalta-se que a Microrregião também produzia pacu e patinga, até 2015. Se comparada a produção dessas espécies de 2018 contra 2013, todas apresentaram quedas de produção (Tabela 4). Entre elas, destaca-se a queda da tilápia, que saiu de 209,5 toneladas para 76,8 toneladas nesse período.

Tabela 4. Evolução da Quantidade Produzida na Aquicultura da Microrregião Centro-Oeste.

	Pacu e patinga (Kg)	Pirarucu (Kg)	Tambacu, tambatinga (Kg)	Tilápia (Kg)	Alevinos (Milheiros)	Camarão (Kg)
2013	10.000	5.500	53.000	209.500	1.760	28.300
2014	11.500	5.500	60.000	193.500	67	42.500
2015	8.000	3.950	20.000	139.000	48	24.000
2016	0	0	44	2.085	405	1.000
2017	0	0	44	38.085	417	7.000
2018	0	144	0	76.804	878	7.860
Varição 2018/2013	-100,00%	-97,40%	-100,00%	-63,30%	-50,10%	-72,20%

Fonte: Elaborado pelos autores baseados na PPM/IBGE (2018).

A aquicultura demanda grande volume de água. Entre os anos de 2015 e 2017, a Microrregião registrou uma baixa precipitação (INCAPER, 2020), que levou a uma crise hídrica na região norte do Espírito Santo e prejudicou a produção da piscicultura, sobretudo de tilápias e a carcinicultura.

Além disso, a produção da aquicultura foi impactada pela contaminação ambiental das águas do rio Doce, com rejeitos da Mineradora Samarco, em 05 de novembro de 2015 (Lima, 2019; Passarinho, 2019). Recentemente a Fundação Renova tem tentado estabelecer ações para recuperar a capacidade produtiva pesqueira (Fundação Renova, 2019; Brito *et al.*, 2019), assim como da agropecuária nos municípios atingidos pelos rejeitos (Fundação Renova, 2020).

4.4 Economia Agrária: Agricultura

Em 2017, a produção total das lavouras temporárias e permanentes totalizou R\$ 607,5 milhões, maior valor entre as atividades da agropecuária

(pecuária, aquicultura, produção florestal etc.) do Centro-Oeste. Desse total, Vila Valério respondeu por R\$ 98,3 milhões, Governador Lindenberg por R\$ 89,3 milhões e Colatina por R\$ 84,4 milhões.

Nessa Microrregião, R\$ 594,1 milhões foram produzidos nas lavouras permanentes no ano de 2017. Esse montante foi gerado por 20 tipos de culturas diferentes. O café canephora em grão verde respondeu por 83,2%, do valor gerado por essas lavouras do Centro-Oeste. Já o café arábica gerou outros R\$ 15,7 milhões.

Essa significativa participação do café está relacionada à existência de áreas na Microrregião condições edafoclimáticas propícias à produção do café conephora (INCAPER, 2012). Devido a esta condição, apenas 12% da área destinada à lavoura não era ocupada com cafeicultura, em 2017. Ou seja, a cultura corresponde a 88% do total dos valores de produção de lavouras temporárias e permanentes, excluindo-se eucalipto, como pode ser visto na Figura 13.

Figura 13. Percentual da Área Destinada a Cafeicultura no Total da Área da Microrregião Centro-Oeste (2017).



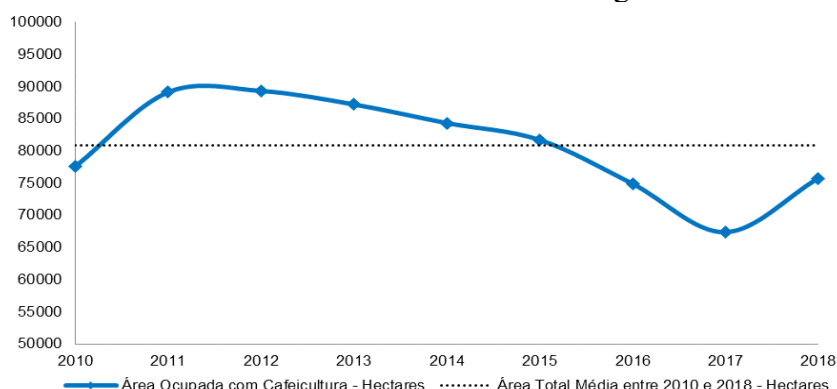
Fonte: Censo Agropecuário do IBGE (2017). Elaboração dos autores.

Um outro ponto positivo para a cultura do café dessa microrregião é que seu relevo apresenta altitudes elevadas o que proporciona, em algumas áreas, o cultivo de café arábica (PPA, 2003).

Com relação à área total destinada à cafeicultura, ou seja, à produção de café arábica e conilon, entre os anos de 2010 e 2012, observou-se elevação em 15%, passando de 77.590 hectares para 89.110,

em 2012. Entretanto, essa área sofreu contração a partir de 2015 (Figura 14), atingindo o menor valor em 2017, 67.400 hectares. Em 2018, percebeu-se tendência de recuperação da área plantada em relação a 2012, porém ainda 15,3% menor que a área destinada a cafeicultura de 2012.

Figura 14. Total de Área Destinada a Cafeicultura na Microrregião Centro-Oeste.

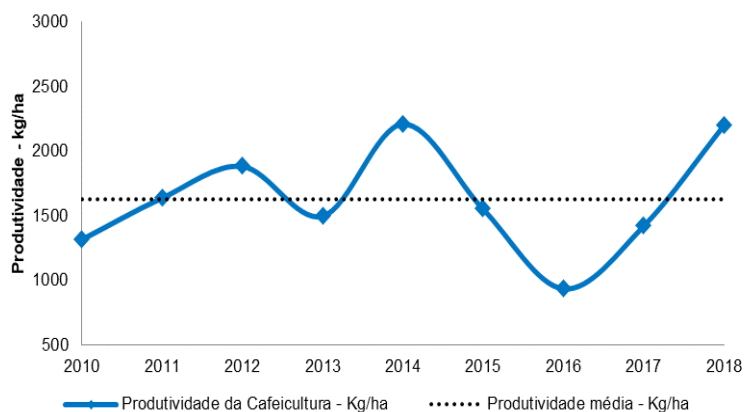


Fonte: PAM/ IBGE (2018). Elaboração dos autores.

Quanto à produtividade, observou-se, na série histórica de 2010 a 2018, a redução de 28,8% (Figura 15). Parte da variação da produtividade do café pode ser

explicada pela sua bienalidade e ao déficit hídrico, principalmente entre os anos de 2015 e 2017 (INCAPER 2020).

Figura 15. Produtividade da Cafeicultura na Microrregião Centro-Oeste (2010 a 2018).



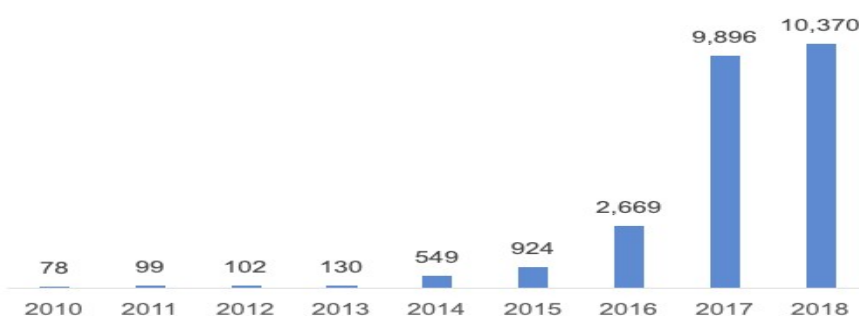
Fonte: PAM/ IBGE (2018). Elaboração dos autores.

De acordo com o Censo Agropecuário de 2017, o segundo maior valor da produção, R\$ 22,6 milhões, foi gerado pela pimenta-do-reino (Figura 16). Essa é uma cultura em expansão na qual as comunidades rurais têm investido no cultivo e ampliado as possibilidades de geração de renda.

De acordo com os dados da Pesquisa Agropecuária Municipal, a quantidade de produção da pimenta-do-reino na microrregião saiu de 78 toneladas,

em 2010, para 9.896 toneladas, em 2017. A cultura é típica de clima quente e úmido (21°C a 30°C), uma vez que a planta é exigente em calor, sensível a baixas temperaturas, por isso deve ser cultivada, preferencialmente, nos meses de alta temperatura, condição que favorece germinação, desenvolvimento e frutificação (EMBRAPA, 2007).

Figura 16. Evolução da Quantidade Pimenta-do-reino Produzidas na Microrregião Centro-Oeste - em toneladas.



Fonte: PAM/ IBGE (2018). Elaboração dos autores.

Em termos de valor da produção mensurada pelo Censo Agropecuário de 2017, outras culturas permanentes que se destacaram na Microrregião foram: banana com R\$ 18,7 milhões, coco-da-baía com R\$ 5,4 milhões, cacau com R\$ 3,7 milhões e

mamão com R\$ 3,3 milhões (Censo Agropecuário de 2017).

O valor da produção nas lavouras temporárias na Microrregião Centro-Oeste foi de R\$ 13,4 milhões, em 2017, sendo que Governador Lindenberg (23,5%) e São Roque do Canaã (17,2%) respondem juntos por 40,8% desse montante. Cerca de

34,3% do valor da produção dessas lavouras foi gerado pela cultura temporária de cana-de-açúcar. Outros destaques foram a produção milho em grão, R\$ 2,12 milhões, milho forrageiro, R\$1,17 milhões e mandioca, R\$ 1,1 milhões (Censo Agropecuário de 2017).

Além dos produtos alimentícios produzidos pela agricultura, outras atividades geram emprego e renda na microrregião Centro-Oeste, dentre elas a

floricultura produziu R\$ 4,4 milhões, em 2017 (Tabela 5). Aproximadamente 43,1% desse valor foi gerado em Vila Valério e 37,3% em Marilândia. Os maiores valores de vendas foram de mudas e outras formas de propagação (R\$ 3,5 milhões), flores e folhagens para corte (R\$ 415 mil).

Tabela 5. Valor da Venda de Produtos de Floricultura e/ou Plantas Ornamentais na Microrregião Centro-Oeste (2017) (em R\$ mil).

Microrregiões e Municípios	Total	Flores e folhagens para corte	Mudas de plantas ornamentais	Mudas e outras formas de propagação
Centro-Oeste	4.484	415	125	3.558
Colatina	647	415	0	76
Governador Lindenberg	211	0	0	211
Marilândia	1.653	0	125	1.350
Pancas	9	0	0	9
São Gabriel da Palha	52	0	0	0
Vila Valério	1.912	0	0	1.912

Fonte: Censo Agropecuário do IBGE (2017). Elaboração dos autores.

As florestas são uma importante fonte de geração de renda na microrregião Centro-Oeste. Além disso, é uma atividade do setor primário que ajuda a conservar a biodiversidade, a reduzir as emissões de gases de efeito estufa, sequestrando e armazenando dióxido de carbono (IBÁ, 2020).

As florestas plantadas produziram R\$ 18,2 milhões, em 2017. Esse montante foi,

principalmente, gerado em Colatina (48,3%), São Roque do Canaã (18,3%), Alto Rio novo (9,3%) e Pancas (9,1%). Os principais produtos foram: madeira em tora para papel, R\$5,0 milhões; árvore em pé, R\$ 4,7 milhões; e lenha, R\$ 3,7 milhões. A área das florestas plantadas atingiu 10.132 hectares.

Tabela 6. Valor da Produção dos Produtos da Silvicultura na Microrregião Centro-Oeste (2017) (em R\$ mil).

	Total	Árvore em pé	Lenha	Madeira em tora para papel	Madeira em tora outra finalidade
Centro-Oeste	18.188	4.716	3.754	4.988	1.337
Alto Rio Novo	1.697	169	391	0	0
Baixo Guandu	439	0	34	0	0
Colatina	8.792	3.770	1.427	2.510	1.086
Governador Lindenberg	123	0	0	0	0
Marilândia	800	135	380	0	251
Pancas	1.653	642	270	0	0
São Gabriel da Palha	1.175	0	1.026	0	0
São Roque do Canaã	175	0	24	0	0
Vila Valério	3.334	0	202	2.478	0

Fonte: Censo Agropecuário do IBGE (2017). Elaboração dos autores.

No total, a microrregião apresentou 1.655 estabelecimentos agropecuários com atividades ligadas à silvicultura, em 2017.

Desse total, 1.639 produziam eucalipto, floresta que abastece a planta da empresa Suzano, localizada em Aracruz-ES. Todos

esses estabelecimentos do Centro-Oeste cortaram uma área total de 68.797 hectares nesse ano.

Tabela 7. Número de Estabelecimentos Agropecuários por Espécies Silvícolas Cultivadas (unidades) (2017).

	Total	AngiumAcácia	Acácia negra	Quara)Bambu	Eucalipto	Ipê	Mogno	Teca	Outras
Centro-Oeste	1.655	2	1	2	1.639	4	6	9	25
Alto Rio Novo	186	-	-	-	186	-	-	-	1
Baixo Guandu	103	-	-	-	102	-	-	1	-
Colatina	228	-	-	2	222	2	3	3	9
Governador Lindenberg	114	-	-	-	114	-	-	1	1
Marilândia	200	-	-	-	200	-	-	-	1
Pancas	292	1	-	-	290	-	-	3	2
São Domingos do Norte	79	-	1	-	79	1	1	-	6
São Gabriel da Palha	211	-	-	-	207	-	-	-	4
São Roque do Canaã	62	-	-	-	62	-	-	-	-
Vila Valério	180	1	-	-	177	1	2	1	1

Fonte: Censo Agropecuário do IBGE (2017). Elaboração dos autores.

A agropecuária da microrregião Centro-Oeste, embora com produção de vários produtos, concentra suas atividades na cafeicultura. Este aspecto é preocupante por limitar a capacidade de resposta da microrregião frente a novas pragas e doenças vinculadas ao café.

A microrregião possui histórico de déficit hídrico prolongado, o que deve ser amenizado com práticas de conservação dos solos e da água. Outra observação importante é a baixa agregação de valor dos produtos agropecuários da microrregião. Neste ponto as cooperativas são importantes ferramentas para adequação de margem de lucro aos produtores. Assim como na maior parte do Brasil, a pavimentação das estradas rurais é importante para o escoamento seguro da produção, principalmente em uma microrregião de relevo acidentado.

O setor agropecuário microrregião, apresentou-se fortemente vinculado a agricultura familiar, e devido as vulnerabilidades desta, o produtor carece de

alta atenção, devido as oscilações de mercado, principalmente a baixa expectativa de crédito principalmente para

os filhos dos produtores, podendo resultar em êxodo rural.

4.5 Setor Secundário: Indústria

O setor secundário, ou industrial, tem como função a transformação de matérias-primas em produtos por meio do emprego do fator capital e trabalho. O resultado desse beneficiamento origina produtos intermediários, bens de capital ou bens finais. De acordo com Rossetti (2007), as atividades que compõem esse setor são: indústria extrativa; indústria de transformação, construção; geração, distribuição e transmissão de energia; e tratamento de água e esgoto.

Em 2017, a indústria da Centro-Oeste gerou um valor adicionado bruto de R\$1,1 bilhão, o que representou 18,6% do PIB da Microrregião, como se pode visualizar na figura 17.

Figura 17 - Participação da Indústria Total no PIB da Microrregião Centro-Oeste (2002 a 2017).



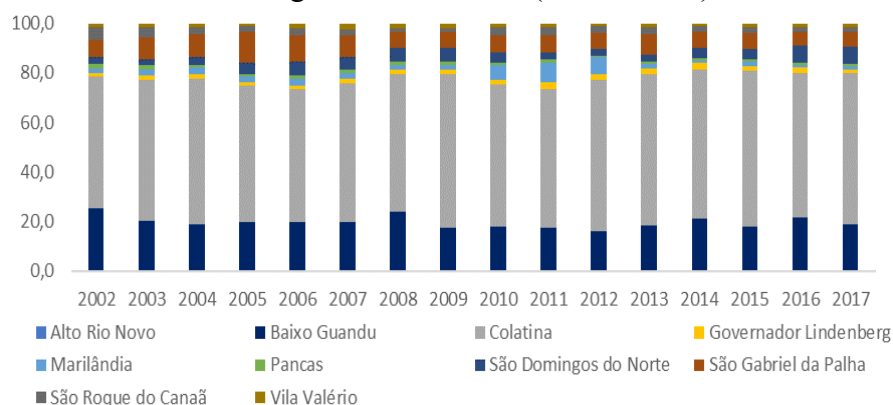
Fonte: IBGE (2018). Elaboração dos autores.

Embora a Microrregião Centro-Oeste seja compreendida por 10 cidades, Colatina se destacou como o polo de desenvolvimento industrial durante os anos de 2002 a 2017. Além disso, nesse período, o peso do município no valor adicionado bruto (VAB) da indústria saltou de 53,3% para 61,2%, ganho de 7,9 p.p. Já Baixo Guandu apresentou a segunda maior participação no setor da microrregião, mas

perdeu representatividade ao passar de 24,8% para 18,3% em quinze anos.

Também se destaca o ganho de participação no VAB da indústria da Centro-Oeste de São Domingos do Norte, que saiu de 2,7%, em 2002, para 6,8%, em 2017. Com esse resultado no último ano, o município passou a ser o terceiro mais industrializado da Microrregião.

Figura 18 - Participação dos Municípios no Valor Adicionado Bruto da Indústria Total da Microrregião Centro-Oeste (2002 a 2017).



Fonte: IBGE (2018). Elaboração dos autores.

O peso da indústria da Centro-Oeste no VAB no total do Estado do Espírito Santo cresceu significativamente entre 2012 e 2017. Em 2017, respondeu por 5,2% do VAB industrial capixaba, maior participação da série.

O número de estabelecimentos da indústria no Centro-Oeste cresceu 1,8%, de 2007 para 2018. Essa quantidade apresentou uma trajetória de expansão até 2012. Após esse ano, iniciou-se um processo de redução, impulsionado pela

crise econômica brasileira, iniciada em 2014. Em onze anos, a indústria de transformação, a construção e a extrativa foram as que tinham a maior quantidade de empresas na Microrregião. Em 2018, a indústria da Centro-Oeste totalizou 1.055 estabelecimentos, sendo 68,5% na transformação, 23,2% na construção, 6,0% na extrativa, 1,6% no setor de água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação e 0,7% na eletricidade e gás.

De 2007 a 2018, a quantidade de empregos formais na indústria da Microrregião reduziu em 7,0%. Nesse período, o ponto crítico no número de funcionários ocorreu em 2014 (18,4 mil postos de trabalho). Após esse ano, o número de empregados entrou em declínio até atingir o menor valor, em 2018 (14,8 mil). Essa perda tem relação com a queda na atividade econômica em função da crise econômica brasileira.

Em 2018, 82,7% dos empregados industriais estavam alocados na indústria de transformação, 7,5% na construção, 5,9% na indústria extrativa, 2,3% na eletricidade e gás e 1,7% no setor de água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação.

De 2007 para 2018, a massa salarial paga aos trabalhadores da indústria expandiu em R\$ 21,2 milhões. Apenas no último ano da série, o setor pagou R\$ 72,2 milhões em salários: 69,5% desse valor na indústria de transformação; 14,4% na extrativa; 12,6% na construção; 2,2% na atividade de água, esgoto, atividades de gestão de resíduos e descontaminação; e 1,3% na eletricidade e gás (RAIS, 2018).

4.5.1 Indústria Extrativa

A indústria extrativa compreende as atividades que extraem a matéria-prima diretamente da natureza, seja ela de origem vegetal ou mineral. Na microrregião Centro-Oeste, as atividades extrativas se dividem em extração de minerais não metálicos e atividades de apoio a extração

de minerais, com predominância da primeira.

De 2007 a 2018, a quantidade de estabelecimentos na extração de minerais não metálicos na Microrregião caiu de 80 para 61. Neste último ano, 59 estabelecimentos pertenciam a extração de minerais não-metálicos e 2 nas atividades de apoio à extração de minerais.

A predominância da atividade de extração de minerais não-metálicos tem relação com a exploração de rochas ornamentais na microrregião Centro-Oeste. As principais cidades produtoras são: Baixo Guandu, Colatina, Pancas, São Domingos do Norte e São Gabriel da Palha (SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL, 2012).

Além dessas cidades, destacam-se quatro polos de produção no Estado: (1) a porção Centro-Oriental do município de Ecoporanga; (2) a região limítrofe entre os municípios de Barra de São Francisco, Vila Pavão e Nova Venécia; (3) porção Norte do Município de Baixo Guandu; (4) uma faixa N-S entre os municípios de Governador Lindenberg e São Rafael (SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL, 2012). Os dois últimos polos apresentados representam parte da produção da Microrregião Centro-Oeste.

Quanto aos tipos de rochas ornamentais produzidas na Microrregião, o polo do Município de Baixo Guandu é referência na produção de granitos verdes, extraídos de imponentes afloramentos de charnockitos, ligados a duas grandes intrusões circunscritas. Na faixa entre Governador Lindenberg e São Rafael, o principal produto é o granito branco tardi a pós-colisional, lavrado de pequenos stocks espalhados ao longo da mesma” (SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL, 2012).

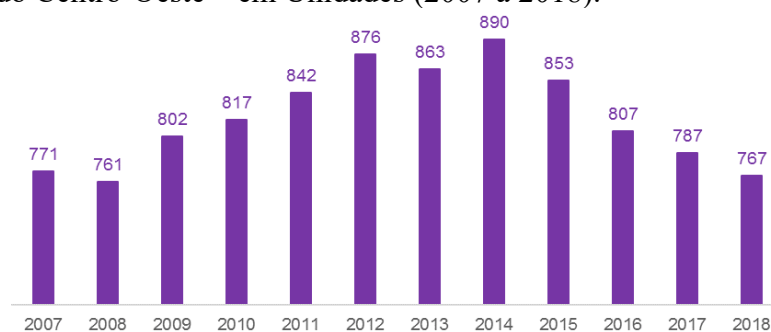
4.5.1 Indústria de Transformação

A indústria de transformação é responsável pela mudança de uma matéria-prima em novo insumo (bens intermediários) ou em produto. Esse setor

na Microrregião Centro-Oeste tinha 771 estabelecimentos formais no ano de 2007, caindo para 767, em 2018. Nesse período, o maior número de estabelecimentos

registrado foi no ano de 2014, com 890 unidades, conforme é apresentado no Gráfico 19, a seguir:

Figura 19 - Evolução da Quantidade de Estabelecimentos Formais na Indústria de Transformação do Centro-Oeste – em Unidades (2007 a 2018).



Fonte: RAIS/ME (2018). Elaboração dos autores.

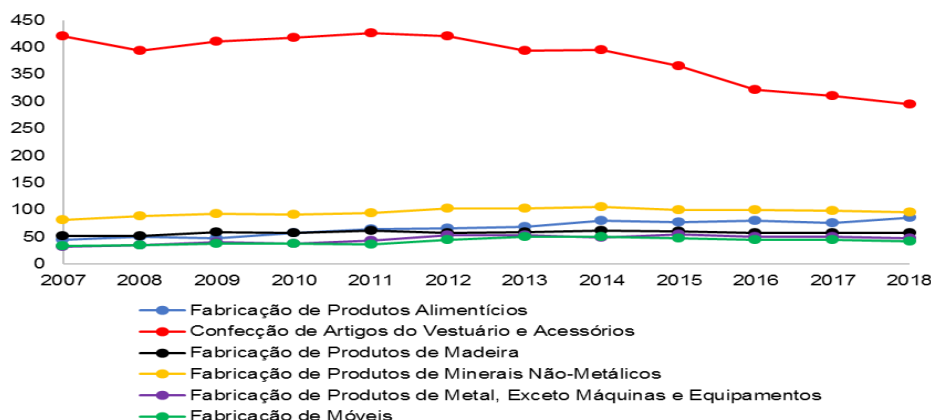
Entre as atividades que compõem a dinâmica da indústria de transformação da Centro-Oeste, algumas apresentam grande representatividade, como a confecção de artigos do vestuário e acessórios, a fabricação de produtos de minerais não-metálicos, alimentícios, produtos de madeira, produtos de minerais não metálicos e produtos de metal.

Dentre as atividades mencionadas, a de confecção de artigos de vestuário e acessórios se destaca claramente em todo o período de análise. Isso pode ser justificado pela existência do polo de confecções em Colatina, pela produção de jeans e roupas de malha, sociais e masculinas. Além disso, o setor possui outras atividades, como prestação de

serviços de facção, lavanderia, limpeza de roupa, serviços de estamperia e de serigrafia (VILLASHI *et al.*, 2011). Porém, vale ressaltar que, apesar da grande predominância do ramo, o número de estabelecimentos vem reduzindo consideravelmente ao longo do tempo, sendo que a queda mais brusca teve início em 2012.

De acordo com os dados do Portal do Empreendedor, além dos estabelecimentos formais, havia 1.178 microempreendedores individuais no setor de confecção da Centro-Oeste em 2020. Desse total, 63,8% estavam localizados no município de Colatina, onde fica o polo do setor.

Figura 20 - Setores com as Maiores Quantidades de Estabelecimentos na Indústria de Transformação da Microrregião Centro-Oeste (2007 a 2018).

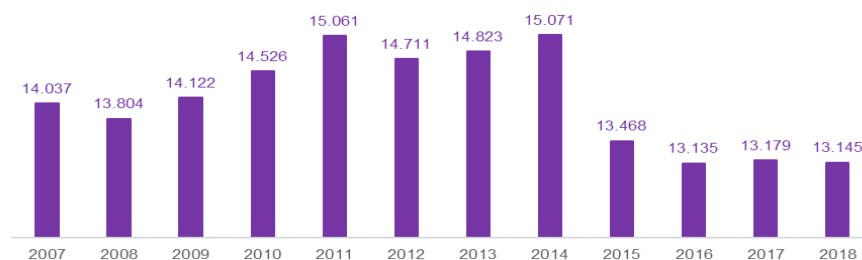


Fonte: RAIS/ME (2018). Elaboração dos autores.

Em relação à quantidade de empregos, a indústria de transformação passou de 14.037 postos, em 2007, para 13.145, em 2018. Durante esses anos, a

maior geração de empregos ocorreu em 2014, quando o setor apresentava 15.071 pessoas formalmente empregadas.

Figura 21 - Evolução da Quantidade de Empregos Formais na Indústria de Transformação da Microrregião Centro-Oeste (2007 a 2018).

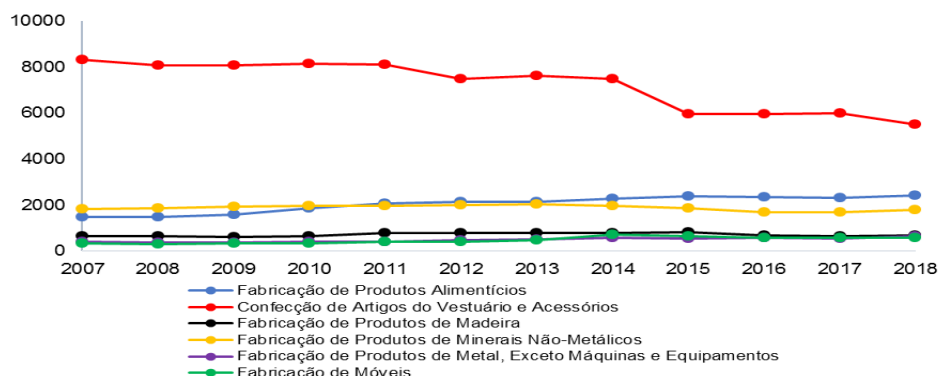


Fonte: RAIS/ME (2018). Elaboração dos autores.

Semelhantemente ao indicador anterior, mais uma vez a confecção e afins contrastam em relação aos demais setores, o que pode ser justificado pela maior predominância desse ramo empregatício em Colatina. Em contrapartida, vale justificar que o número de empregos nesse setor, embora seja alto, vem caindo consideravelmente no decorrer dos anos analisados. Estatisticamente, essa redução foi de 33%, quando se compara os índices

de 2018 com os de 2007. Ao que se refere às demais atividades industriais destacadas na Figura 22, a seguir, fica nitidamente claro que a queda foi muito inferior à de confecções. Entretanto, vale salientar que, por menos representativas que sejam, os ramos de produção alimentícia, móveis e materiais metálicos, apresentaram significativos aumentos nesses 11 anos, com destaque para o setor moveleiro, com crescimento de aproximadamente 70%.

Figura 22- Emprego Formal, por Setores da Indústria de Transformação, na Microrregião Centro-Oeste (2007 a 2018)



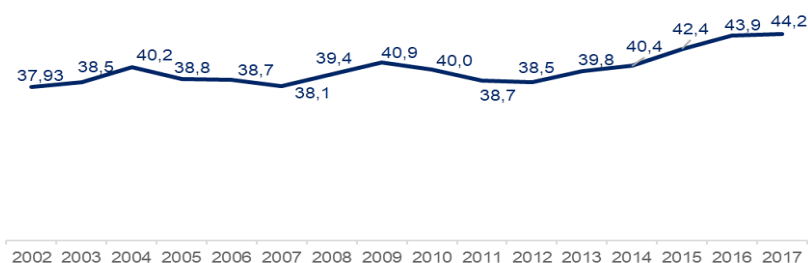
Fonte: RAIS/ME (2018). Elaboração dos autores.

4.6 Setor Terciário: Comércio e Serviços

O setor terciário engloba as atividades de comércio de produtos e a prestação de serviços (bens intangíveis). A dinâmica desse setor está relacionada ao dinamismo das atividades dos setores primário (agropecuária e afins) e do secundário (indústria) de dentro e de fora da Microrregião. O peso das atividades

terciárias, excluindo a atividade pública, no PIB do Centro-Oeste, variou entre 37,9%, percentual de 2002, a 44,19%, participação em 2017. Em 15 anos, o comércio e os serviços tiveram um ganho de participação no PIB de 6,3 p.p. Em 2017, essas atividades da Microrregião geraram R\$2,6 bilhões. Esses dados são discriminados na Figura 23:

Figura 23 - Estabelecimentos, por setores da indústria de transformação, na microrregião Centro Oeste.



Fonte: IBGE (2019). Elaboração dos autores.

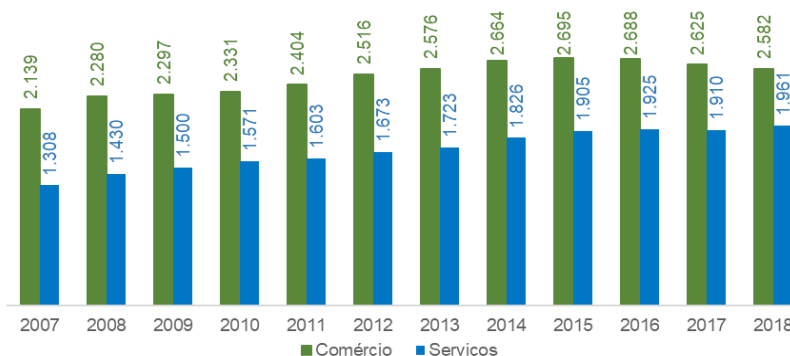
Em 2017, Colatina (63,0%), São Gabriel da Palha (10,0%) e Baixo Guandu (7,9%) responderam por 80,9% do valor adicionado bruto pelo setor terciário, excluindo a Administração Pública, da

microrregião. Se comparado com 2002, cinco municípios ganharam participação no VAB das atividades terciárias do Centro-Oeste: Marilândia (2,0 p.p.); Vila Valério (1,4 p.p.); São Gabriel da Palha (1,2 p.p.); Governador Lindenberg (0,5 p.p.); São Domingos do Norte (0,4 p.p.).

De 2007 a 2018, a quantidade de estabelecimentos formais no comércio cresceu 20,7% no Centro-Oeste. Essa variação foi influenciada pelo aumento de 87,1% no comércio por atacado, de 21,7% na reparação de veículos automotores e motocicletas e de 17,1% comércio varejista.

Em 2018, havia 2.582 estabelecimentos no comércio da Centro-Oeste. Do total de estabelecimento do setor, 96,5% são microempresas e 3,3% são pequenas.

Figura 24 - Evolução dos estabelecimentos nos setores de comércio e de serviços na microrregião do Centro-Oeste.



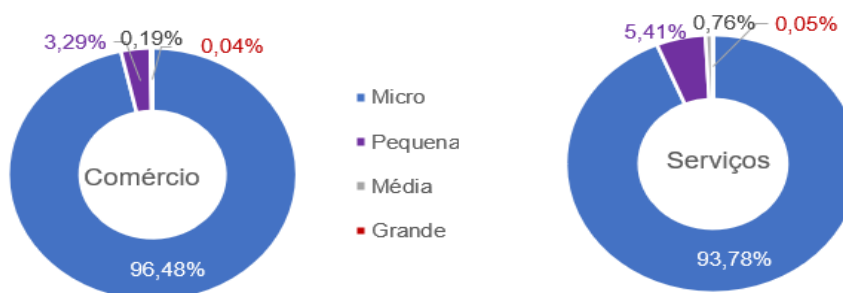
Fonte: RAIS/ME (2018). Elaboração dos autores.

Os estabelecimentos formais no setor de serviços aumentaram em 49,9% de 2007 para 2018, impulsionados pela abertura de unidades nas atividades de alojamento e alimentação (+165), saúde humana e serviços sociais (+121), administrativas e serviços complementares (+102) e profissionais, científicas e técnicas (+79).

Em 2018, havia 1.961 estabelecimentos formais no setor de

serviços, sendo: 21,1% na saúde humana e serviços sociais; transporte, armazenagem e correio (18,3%); atividades administrativas e serviços complementares (11,7%); e atividades profissionais, científicas e técnicas (9,9%). Do total de estabelecimentos do setor, 93,8% são microempresas e 5,4% são pequenas.

Figura 25 - Tamanho dos estabelecimentos nos setores de comércio e de serviços na microrregião do Centro-Oeste



Fonte: RAIS/ME (2018). Elaboração dos autores.

Em relação à quantidade de empregos formais, houve um crescimento de 15,8% no setor de comércio de 2007 para 2018. Esse resultado foi influenciado pela expansão de 22,9% dos vínculos ativos na atividade varejista e 2,3% no atacado, contrabalanceado pela queda de 4,7% na reparação de veículos automotores e motocicletas.

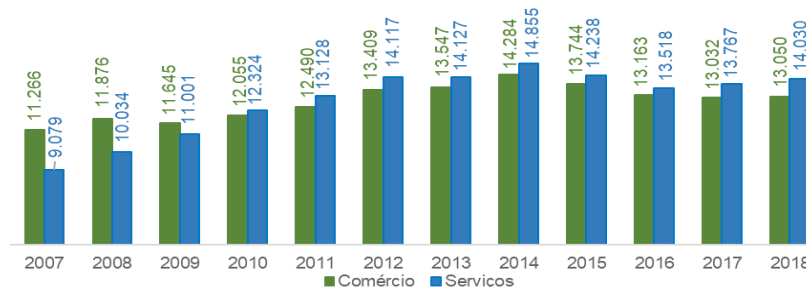
Em 2018, estavam empregadas, formalmente, 13.050 pessoas no comércio da Microrregião Centro-Oeste. Desse total,

12,4% estavam trabalhando na reparação de veículos automotores e motocicletas, 12,5% na atividade por atacado e 75,1% no varejista. Em relação a esse último, a maior parte dos funcionários formais estavam nos ramos de artigos do vestuário e acessórios (1.497), ferragens, madeira e materiais de construção (921), produtos farmacêuticos para uso humano e veterinário (744) e combustíveis para veículos automotores (483).

Em onze anos, a quantidade de empregos formais cresceu 54,5% no setor de serviços da Centro-Oeste. Nesse período, as maiores contribuições para o aumento desses vínculos ativos vieram das atividades de saúde humana e serviços sociais com a geração de +1.575 empregos,

administrativas e serviços complementares com a criação de +1.056 postos e transporte, armazenagem e correio com o emprego de +850 pessoas. A figura 23 apresenta os dados de evolução dos empregos formais dos setores de comércio e serviços:

Figura 26 - Evolução dos empregos formais nos setores de comércio e de serviços na microrregião do Centro-Oeste.



Fonte: RAIS/ME (2018). Elaboração dos autores.

Em 2018, o setor de serviços empregava 14.030 funcionários formais da Microrregião Centro-Oeste, a maior parte deles nas atividades de: saúde humana e serviços sociais (20,9%); transporte, armazenagem e correio (17,5%); educação (13,5%); administrativas e serviços complementares (13,3%); e alojamento e alimentação (9,3%).

O destaque da parte da saúde na quantidade de empregos é explicado pela estrutura hospitalar existente na Microrregião, em que existem hospitais e diversas unidades de saúde espalhadas pelos municípios. De acordo com os dados do SUS, em outubro de 2020 havia 699 leitos de internação na Microrregião distribuídos em Colatina (491), São Gabriel da Palha (142), Baixo Guandu (51) e Pancas (15).

De acordo com os dados da Rais (2018), na passagem de 2007 para 2018, a massa salarial gerada pelos setores do comércio e serviços no Centro-Oeste aumentou, respectivamente, 57,7% e 83,7%. Nesse último ano, o montante pago em salários para os empregados do

comércio foi de R\$20,1 milhões e para os de serviços totalizou R\$46,8 milhões:

Em 2018, o salário médio dos empregados no comércio foi de R\$1.541,4, valor 36,1% maior que a média de 2007. A remuneração média dos trabalhadores no setor de serviços foi de R\$3.334,3, montante 18,9% maior que o de onze anos antes.

5 CONCLUSÕES

A Microrregião Centro-Oeste é um importante elo da economia capixaba. Em 2017, respondeu por 5,3% do PIB do Espírito Santo, quinta maior participação entre as dez do Estado. O setor de maior representatividade foi o de serviços (44,2% do PIB total da Microrregião), seguido por a administração pública (19,9%), a indústria (18,59%) e a agropecuária (7,1%).

A estrutura produtiva é diversificada. Entre os destaques, pode-se citar: a cafeicultura, historicamente importante para a microrregião; pimenta, cultura recente; avicultura; bovinocultura; silvicultura de eucalipto; agroindústria; vestuário, em que Colatina é um polo da atividade no Estado; rochas ornamentais;

produtos de madeira e móveis; atividades relacionadas à saúde humana e a serviços sociais; e educação. Essa estrutura gera empregos, renda e propicia uma balança comercial superavitária.

A continuação de um desenvolvimento sustentável perpassa pela superação das barreiras existentes, tais como melhorar a infraestrutura do ambiente de negócios e da logística e a distribuição da renda. Esse é um processo que precisa ser feito respeitando o meio ambiente, aumentando a agregação de valor à produção, de forma igualitária entre os municípios que compõem a Microrregião Centro-Oeste.

AGRADECIMENTOS

À FAPES, pelo financiamento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

EMBRAPA. **Pimenta (Capsicum spp.)**.

2007. Disponível em: https://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Pimenta/Pimenta_capsicum_spp/clima.html. Acesso em 16 de nov. 2020.

FREITAS, Márcio António Farias de. **A terceira margem do rio: conflitos ontológicos no litoral norte capixaba**. 2020.

GARCIA, Aldemir Luiz. A cultura popular e suas conexões com a construção da identidade capixaba. **Dimensões**, n. 16, 2004.

GEOBASES, Sistema Integrado de Bases Geoespaciais do Estado do Espírito Santo. **Microrregiões do Estado do Espírito Santo**. Disponível em: https://geobases.static.es.gov.br/public/DI_VISAO_ADMINISTRATIVA_ES/Microrregioes.pdf. Acessado em 10 de fevereiro de 2021.

GUIDONI. **Institucional**. 2020.

Disponível em: <https://www.guidoni.com.br/institucional>. Acesso em 11 ago. 2020.

IBGE, 2020, **História e Fotos**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/colatina/historico>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico 2010**. Características da população e dos domicílios: resultados do universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em: 23 set. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acesso em: 05 ago. 2020a.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estimativa Populacional 2020**. Estimativa da população residente nos municípios brasileiros com data de referência em 1º de julho de 2020. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9103-estimativas-de-populacao.html?=&t=downloads>. Acesso em: 23 set. 2020.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Regiões de Influência das Cidades - REGIC**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/geociencias/cartas-e-mapas/redes-geograficas/15798-regioes-de-influencia-das-cidades.html?=&t=o-que-e>. Acesso em: 23 set. 2020.

IDEIES - Instituto de Desenvolvimento Industrial do Espírito Santo. **Panorama da Indústria do Espírito Santo**. Espírito Santo, Ideies, 80 p., 2018.

IJSN- INSTITUTO JONES SANTOS NEVES. Caracterização Regional. 2021. Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/mapas/>. Acessado em 10 de fevereiro de 2021.

IJSN - INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. **Conteúdo digital:** Colatina. Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20160816_aj08698_municipio_colatina_especial01.pdf. Acesso em 05 ago. 2020b.

IJSN – INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. **Leis Urbanísticas dos municípios do Espírito Santo.** Vitória, 2017.

IJSN – INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. **Mapas.** Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/mapas/>. Acesso em: 01 ago. 2020.

IJSN – INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES. **PIB Municipal.** Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/assuntos/pib-municipal>. Acesso em: 01 ago. 2020.

IPEADATA. **População.** Disponível em: <http://ipeadata.gov.br/Default.aspx>. Acesso em: 15 set. 2020.

LEAL, E. A.S; VILLASCHI FILHO, A. **Industrialização Retardatária, Inovação e Meio Ambiente:** O Caso Capixaba. In: Angela Maria Morandi; Robson Antônio Grassi; Alexandre Ottoni. (Org.). *Questões Contemporâneas em Economia*. 1ªed. Vitória: Editora Mil Fontes, 2020, v. 3, p. 75-94.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA. **Relação Anual de Informações Sociais – RAIS.** Disponível em: <http://pdet.mte.gov.br/>. Acesso em: 05 ago. 2020a.

MORREIRA, T. H.; PERRONE, A. *História e Geografia do Espírito Santo*. Vitória, 2007.

PERINI, Mariana. **Indústria do ES sofre com desaquecimento da economia internacional.** 2019. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/economia/industria-do-es-sofre-com-desaquecimento-da-economia-internacional-0919>. Acesso em: 18 ago. 2020.

ROCHA, H.C.; MORANDI, A.M. **Cafecultura e grande indústria:** a transição no Espírito Santo – 1955-1985. 2ª edição. Vitória - ES: Espírito Santo em Ação, 2012. 173p.

SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL - CPRM. **Rochas ornamentais no Noroeste do estado do Espírito Santo.** Série rochas e minerais industriais, nº 08: Insumos Minerais para a Construção Civil. Rio de Janeiro, 2012.

SIQUEIRA, Maria da Penha Smarzaró. A questão regional e a dinâmica econômica do Espírito Santo-1950/1990. **Fênix-Revista De História E Estudos Culturais**, v. 6, n. 4, p. 1-16, 2009.

SILVIA, Bruno S. Oliveira; NETO, Antônio Pereira Drumond; DA SILVA, Marcelo Barreto. Pimenta-do-reino: importância da defesa fitossanitária para a sustentabilidade da atividade na região norte do Espírito Santo. **Revista Brasileira de Agropecuária Sustentável (RBAS)**, v.1, n.1, 2011.

VILLASCHI, A.; FELIPE, E.S. Políticas estaduais para arranjos produtivos locais no Espírito Santo: evolução e perspectivas. p. 257-290. In: CAMPOS, R.R.; STALLIVIERI, F.; VARGAS, M.A.; MATOS, M. (Org.). **Políticas Estaduais para Arranjos Produtivos Locais no Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil.** Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais Ltda, 2010, 380 p.

VILLASCHI, A.; FELIPE, E.S.; OLIVEIRA, U. J. O mercado funcionou! O aprofundamento da desautonomia do Estado e a diversificação da economia

capixaba nos anos 1980-2000. In:
VILLASCHI, A (Org.). **Elementos da
economia capixaba e trajetórias de seu
desenvolvimento**. Espírito Santo: Flor e
Cultura Editores, 2011, 311 p.